ANO XIV — SABADO, 13 DE MARÇO DE 1915 — NUMERO 276

A Lanterna

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

PUBLICA-SE AOS SABADOS
Redacção e administração: Largo da Sé n. 5 (Sob.)
Numero avulso: Da semana, $100; atrasado, $200
A inserção de anuncios na 4.ª pagina é feita mediante preços convencionados

ENDEREÇO PARA A CORRESPONDENCIA:
CAIXA POSTAL N. 195 — S. PAULO (BRASIL)
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:
Ano, para todo o Brasil. 10$000 | Semestre, idem . . . . . 6$000
Para o estrangeiro, ano . . . . 15$000
O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

DA PORTA DA EUROPA

Ferrer Novamente Executado!



Francisco Ferrer

Ferrer foi executado pela segunda vez: a primeira, em carne e osso, pelos clericais e militaristas da Espanha; agora, no seu monumento simbólico de Bruxelas, pelos militarões da Germânia imperialista. Como devem saber, as autoridades militares da capital belga mandaram retirar da praça pública a memória que os livres pensadores, alecando motivos de propaganda, tinham erigido ao nobre mártir de Montjuich, aliás contra a vontade expressado comemorado.

A destruição das artísticas catedrais e as violências exercidas contra o cardial Merciel e os padres belgas foram um excelente serviço prestado ao clericalismo, que não deixará de pôr a render para sempre, com pingues juros, aquele glorioso martirio.

E se os invasores tivessem poupado os anticlericais e respeitado o monumento a Ferrer, não havia de ser isso uma prova frisante de mostruosa cumplicidade entre uns e outros na obra atroz de devastação e vandalismo? Não havia isso de constituir um rendoso assunto para a «boa imprensa» e para as prédicas dominicais? Verdade seja que ainda se poderá dizer que a destruição do monumento foi uma pura comédia, feita de comum acôrdo entre sinistros aliados...

Os militarões!

Quiseram compensar os clericais, mostrar a sua imparcialidade, dar provas do seu espírito retrógado, demonstrar que não era por falta dêste que reprimiam as manifestações anti-teutónicas dos padres, e depois de muito cogitar, que encontraram êles, os militarões, na sua espessa mentalidade de caserna? Aquela pesada habilidade, à qual bem se pode aplicar o dito popular: sôbre queda, coice.

Talvez tenham pretendido igualmente premiar as simpatias dos germanófilos clericais da Espanha, que ainda há pouco reclamavam do govêrno belga a retirada do monumento agora desfeito pelos seus amigos tudescos. E os clericais espanhóis, na sua cegueira fanática, são capazes de folgar com a proeza, como rejubilaram com o assasinato de Ferrer nos fossos da fortaleza sombria.

Mas a alegria será, como então, um êrro de sectários ferozes. O gesto estúpido dos alemães de Bruxelas, além de embaraçar os que, como Haeckel, tanto protestaram na Alemanha contra o crime de Montjuich, desonrando-se depois com a defesa absurda do imperialismo kaiserista, vem apenas servir a memória de Ferrer e as ideias a que êle deu o pensamento e a vida, vem dar-lhes novamente retumbância e brilho, não só ná Bélgica e na Espanha, mas em todos os recantos do globo.

Muitos foram os que não aplaudiram o monumento de Bruxelas, porque não aplaudem estátuas e santificações; mas, se tivessem previsto êste incidente, a sua opinião teria sido porventura outra.

E o mesmo Ferrer, se pudesse assistir a êste acto de brutalidade militaresca, teria sentido um duplo contentamento — ante o derribamento do que, na sua opinião, poderia favorecer o início duma espécie de culto e ante o novo serviço prestado à causa do seu pensamento livre pela incorrigível estupidez da prepôtencia e da intolerância.

Incorrigível, sem dúvida. Quem o duvidaria ainda, após o 13 de Outubro de 1909, tendo suposto até à última hora que a monarquia inquisitorial espanhola não ousaria o que foi sobre tudo um erro colossal, tendo esperado, até ao minuto em que chegou o telegrama fatal, a comédia da clemència régia? Quem o duvidaria ainda, após esta última habilidade de hipopótamo, havendo imaginado que o interesse dos invasores germânicos seria darem ao mundo uma ilusão de liberalismo e tolerância?

Extraordinário destino o de Ferrer! Êle, que era um grande trabalhador dedicado e modesto, inimigo do ruído e da fama, libra-se súbitamente, nas asas da celebridade e do martírio, às alturas luminosas dum símbolo, vivo e palpitante, límpido e imperecível; e depois de ter fertilizado com o seu sangue o terreno fecundo das ideias novas, continua, na sua memória simbólica, a ser a vitima sempre triunfante e sempre semeadora!

Lisboa, 15 de fevereiro.

Neno Vasco

BIBLIA VERMELHA

Tirem ás festas de igreja os repiques de sino, os leilões de prendas, os fogos de artificio, os namoros de sacristia, as libertinagens das romarias, as teatralidades profanas e... a concorrencia dos fieis ficará reduzida a menos de um terço.

Lopes Trovão.

A guerra europeia veiu demonstrar que a sociedade humana não pode manter-se sob o actual regimen economico-politico. isto é, sob uma organização baseada na exploração do homem pelo homem, na luta de um contra todos, no direito do mais forte, despresados o apoio mutuo e a solidariedade.

Orlando Corrêa Lopes.

Os governos, qualquer que seja o sistema, assim como as igrejas, seja qual fôr o credo, não sã mais que instituições baseadas no embuste e na violencia organizada, para explorar, oprimir e infelicitar os povos.

Manuel Cavalcanti de Mello Filho.

UM INTERESSANTE CONCURSO

Hereticos versejadores: a postos!

A noticia do nosso numero passado sobre este concurso foi vitima da urucubaca clerical, pois entrou para a pagina sem ter sido corrigida, saindo por isso errado o ultimo verso da quadra-mote.

Publicamo-la, portanto, novamente:

Porque será que os mandões
Do fisco não teem o gosto
De cobrar do padre imposto
De industrias e profissões?

Conforme dissemos, ao autor da melhor resposta será dada uma boa obra anticlerical.

Só entrarão no julgamento do concurso as respostas recebidas ate 30 de abril, quando o daremos por encerrado.

Ha um ponto sobre o qual é preciso insistir: as respostas deverão ser feitas exclusivamente em verso.

Fazemos essa observação por já termos recebido respostas em prosa.

Fica, pois, bem assente isto: desta vez somente os poetas teem a palavra.

DE PARIS

As preces pela paz

Pela vontade dum punhado de autocratas com alma de assassino, lançaram-se os povos uns contra os outros. Cometeram-se crueldades sem nome, foram queimadas cidades. Nada foi respeitado. E' a guerra.

Que fez o representante do que dissera: «Bem-aventurados os mansos... Bem-aventurados os famintos e sedentos de justiça... Bem-aventurados os pacificos...»? Quando sob os escombros de Lovaina, Dinant e tantas outras cidades belgas apodreciam os cadaveres dos martires da justiça; quando desabavam igrejas e catedrais; quando eram feridas inocentes vitimas, — que trejeito de horror esboçou a mão do pastor dos pastores? Nenhum.

Cristo morreu por ter prégado o amor entre os homens; por ter ousado dizer que era preciso amar o inimigo, fazer bem a todos sem distinção. No momento em que era necessario recordar aos homens esses preceitos, quem por seu sacerdocio tinha o dever de o fazer calou-se. Havia «fieis» na França, na Belgica, na Alemanha, na Austria. Não devia o chefe da Igreja proclamar, quando estava ainda a tempo, que era impio matarem-se uns aos outros e que só os pacificos eram chamados «filhos de Deus»? Talvez isso tivesse sido a conjuração do cataclismo. Bastaria ter lembrado a palavra do Evangelho para deter os que tingam fé. Mas era a fé que faltava a todos.

Em todos os paizes, os que se engalanam com os ouropeis da religião empurravam a roda. Quem não sabe o papel provocador dos jesuitas na Austria? Os catolicos, ha muito tempo esquecidos de ser cristãos, foram os melhores obreiros da guerra. Servindo-se da doutrina de Cristo como duma mascara, são na realidade os duros defensores das más potencias do passado, ignorancia, odio, opressão. Fazem politica e são os pilares que susteem as tradições nefastas. Por isso é que apelaram para a guerra, aplaudindo a carnificina em todos os paizes.

Na chacina europeia, a quem deram eles a sua simpatia? Aos pacificos, aos famintos de justiça, ás vitimas? Não. Em todos centros catolicos das nações não beligerantes, não se abstiveram de proclamar altas preferencias pela Alemanha, porque esta representa melhor o poder autocratico com que sonha o mundo negro. No pulpito, os padres da catolica Espanha não ocultaram que a França, terra do pecado, e a heretica Inglaterra mereciam uma lição exemplar e que todos os seus votos eram por Guilherme II, representante das ideias catolicas no mundo, apesar de luterano, por ser o mais puro simbolo do autoritarismo. Da mesma forma procederam os catolicos romanos. E o Vaticano aprovou com o seu silencio. O papa não teve uma palavra de compaixão pelos povos dilacerados, nem sequer pelo seu clero belga, que aprendeu a não ser germanofilo convicto, como era antes, desde que numerosos padres e freiras travaram relações com os engenhos da fabrica Krupp.

E hoje, esse papa que tolerou calado todos os horrores, que aceitou a politica detestavel das suas ovelhas, acha que deve sair da sua imobilidade. Quando sangram os paizes mutilados, quando é indecisa a luta, quando os povos aliados voltam a si e esperam a ofensiva que quebrará o despotismo tudesco, quando fermenta a revolta nos imperios centrais, lembra-se o papa subitamente de que a paz é coisa benefica e ordena preces!

...Receou falar quando devia falar. Recusou confessar a doutrina do Cristo, lançar o grito de amor ás vitimas, o grito de anátema aos algozes. Os algozes eram graudos, imperadores, nobres, chefes de confrarias, poderosos capazes de apoiar as revindicações temporais do Vaticano. Dizem que Pio X morreu da guerra; Bento XV achou mais ajuizado viver. E enquanto reza ao deus da paz, que é exactamente o mesmo que o deus da guerra em nome do qual os catolicos nacionalistas dos paizes beligerantes matam e soltam vociferações de morte, o papa representa um papel de subtil diplomata, mas de diplomata apenas. O que aliás não nos causa espanto, pois a Igreja foi sempre uma potencia do mal, foi sempre uma politica e não uma moral de redenção.

Que autoridade tem, pois, o papa para nos vir agora falar de paz?

Marcela CAPY.

PROPAGANDA CLERICAL

Os clericais franceses não cessam de tirar proveito da ocasião. Um leitor da *Bataille Syndicaliste* escreve áquele jornal, queixando-se de que ele lhe é rarissimas vezes entregue no quartel onde se acha, ao passo que as gazetas e folhas avulsas clericais e reaccionarias teem entrada franca em todos os estabelecimentos militares, sendo distribuidas pelos soldados orações, felizmente estupidas demais, como a seguinte:

«Oh! Senhor Jesus, imploro de vós tenhais sob a vossa protecção a humanidade e nos preserveis do mal, reconduzindo-nos a vós».

E no verso:

«Esta oração foi-me enviada e deve ser enviada por toda a extensão do globo.

Copiai-a e vereis o que sucederá; foi escrita no tempo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que disse que todos que a escrevessem evitariam todas as calamidades e todos os que a desdenhassem sofreriam grande calamidade. Copiai-a e enviai-a a 9 pessoas no espaço de 3 dias. Ao nono dia haveis de experimentar uma grande alegria.»

Como o pobre de espirito que acreditar nestas baboseiras já estará predisposto para sentir esse vivo jubilo no nono dia, não admirará que o sinta com efeito por um motivo qualquer ou mesmo sem motivo.

A não ser que o tenha levado uma bala do inimigo, impedindo-o de verificar a verdade da profecia e a eficacia da reza dos tempos de Cristo...

Ecos & Notas

OS PADRES E A PAZ

O papa mandou rezar, como é sabido, no dia 7 de fevereiro, preces em favor da paz; mas os padres de cada paiz beligerante, receando perder as simpatias populares, não o fizeram sem comentarios, subordinando a paz implorada ao «triunfo do reinado do direito», como disse o cardial Amette. E esse triunfo é, para cada beligerante, o seu proprio triunfo...

O páraco da Madalena, em Pariz, por exemplo, disse na ceremonia implorativa: «Nós condenamos os que pretendam aceitar uma paz coxa que não seja a vitoria. O primeiro mandamento da Igreja é o amor da patria». O qual amor, visto isso, supõe o odio, a guerra, o entre-dilaceramento da humanidade, que um tal Cristo teria vindo salvar toda, sem distinção de raças nem nacionalidades...

Os padres alemães e austriacos terão dito o mesmo, fazendo depender da vitoria nacional a paz entre cristãos! De modo que ficou tudo na mesma situação, ou ainda peor, tendo todos os beligerantes catolicos posto a patria acima da religião e rogado a Deus antes de tudo a vitoria, sem a qual não concebem a paz!

E Deus, ou intensifica assim, a guerra, pois que todos, querem vencer e impor a paz, ditando-lhe as condições, ou fica indeciso e neutral, á italiana, embaraçado e atordoado no meio de tantas rezas contraditorias, e deixa correr o marfim como até aqui, confiando aos canhões a decisão da contenda...

MADE IN GERMANY

Os clericais franceses são nacionalistas *enragés* e levam a sua germanofobia ao paroxismo, reclamando que seja vedada a entrada em França a tudo quanto cheira a teutonico, incluindo a sciencia e a arte alemãs, como a musica de Wagner. São a cada passo grotescos, como os patrioteiros de todos os paizes.

Ora *La Batai le Syndicaliste* narra a tal proposito um facto significativo e comico.

Nas estações ferroviarias por onde passam numerosos comboios de tropas que vão para a linha de fogo ou de feridos que de lá voltam, ha sempre damas da Cruz Vermelha e irmãs da caridade que distribuem pelos soldados brochuras religiosas e medalhas da «Virgem Maria» ou do coração de Jesus, bem como bons bocados pelos feridos que aceitam aquelas bugigangas. Quem as repele, não só é privado das coizinhas boas mas fica mal visto e mal notado para os pedidos de licença, saída, convalescença em casa, etc.

Ora, por quem são feitas as tais bugigangas, os feitiços que, como os dos selvagens, preservam das desgraças? Serão fabricadas por operarios franceses, ou ao menos pelos aliados, ingleses, belgas ou russos? Isso sim!

São fabricados na Alemanha e por alemães malditos, trazendo bem distinto o aviso: *Made in Germany!* Assim, ficam mais em conta... O nacionalismo é só para atacar o inimigo... interno.

NOTA ALHEIA

Astper, o mordaz comentador da *Cronica Subversiva* de *A Vida* apreciavel, assim sapeca o famigerado palrador de coisas ditas sacras Julio Maria:

«O padre Julio Maria está realizando mais uma das suas celebres series de conferencias religiosas. E esta serie começou pela glorificação, pela exaltação, pela divinização da guerra. A guerra é da vontade do seu deus (dele padre). Só ha guerras porque o seu deus o quer. Deus, manda-chuva do mundo, é tambem o manda-guerra. Apoiado! Da mesma opinião era o insigne assassino Moltke: «a guerra é um dos elementos da ordem estabelecida por Deus no Mundo». Bem verdade é tudo isto. A Biblia já de ha muito que o havia assegurado: Jeová é o deus dos exercitos. Correctissimo... Ha, porém, uma observação a fazer. A guerra é um mal. E como deus é o mandamento da guerra, segue-se que deus é mau, pois só quem é mau póde conscientemente fazer o mal. Neste caso deus é um ente super-abominavel. Não ha outra conclusão... Agora, o padre Maria Julio afirma que a guerra é um bem. E' que ele raciocina pelo avesso: como deus é bom e como deus é quem manda tudo no mundo, por consequencia tambem a guerra, segue-se que a guerra é um bem. Mas a guerra não é um bem. O padre J. Maria é absolutissimamente incapaz de provar que o seja. Ora, se deus é bom e se a guerra é um mal, e deus não evita a guerra, é porque não póde. Conclusão: um deus que não póde qualquer coisa não é deus. Não ha outra saída, ó reverendo! Ou vossa reverendissima supõe que nós estamos malucos?...»

Emancipação da mulher

I

Sobre este tema tem-se escrito muito e talvez demais; dum lado montanhas de livros para demonstrar que a mulher é intelectualmente igual e talvez superior ao homem, e que portanto lhe cabe a emancipação; do outro, inumeras publicações para provar ser a mulher inferior ao homem em qualquer campo, ser nociva a sua emancipação, que conduziria á perda, nela, de todo sentimento gentil.

E num e noutro campo houve excessos; os partidarios mais fervorosos do *feminismo* deprimiram os dotes do homem, engrandeceram os da mulher, pediram que lhe seja dada a direcção da familia: os adversarios pintaram a mulher como um monstro de astucia e iniquidade.

A nosso ver, a questão tem sido completamente falseada, pois que a igualdade social entre os dois sexos nada tem que ver com a inferioridade ou superioridade da mulher.

Aos fisiologos compete verificar se, pela servidão em que tem sido mantida, o seu cerebro se atrofiou, os sentimentos energicos e fortes se apagaram nela para darem logar á astucia.

Se tivessemos de exprimir a tal proposito uma opinião, di-

riamos que a mulher vale tanto como o homem, visto que ocupam parte bem insignificante no sexo feminino essas frivolas *coquetes* apenas sensiveis á *toilette*, que a garridice e a civilização modernas formaram nas grandes cidades.

Quando consideramos a ajuda fortissima que a mulher presta ao homem nos campos, as provas de inteligencia dadas por aquelas que avançam nos estudos, o optimo resultado dado por elas como trabalhadoras, a ponto de se tornarem terriveis concorrentes do sexo masculino, a sua abnegação e heroismo como mãis, afirmamos sem hesitar que a mulher pode ter aptidões diversas, mas não inferiores em importancia ás do homem.

Mas, repetimos, isso de nenhum modo vem para o caso; a nossa pretenção seria igualmente justa, se a mulher fosse fisicamente e moralmente inferior ao homem.

E' inegavel que nos achamos em frente do facto de uma metade da especie humana servilmente sujeita á outra metade.

E' uma escravidão que data de seculos e que em muitos povos é ainda mais profunda do que entre nós.

Ninguem ignora que entre os romanos a mulher estava sempre sujeita ao poder dum homem ainda que lhe morresse o pai e ficasse donzela. Hoje, entre os chinezes, os arabes, os negros, acha-se num estado de sujeição absoluta. A nossa civilização só concede o *jus commerci* (direito de tratar e concluir negocios) ás mulheres maiores não casadas, e nega ao sexo feminino toda ingerencia na administração publica, fechando-lhe a entrada de muitos empregos e profissões. Sem falar nos inumeros prejuizos que lhe tiram a pouca liberdade que lhe é concedida, de modo que a chamada *honra* é o jugo mais pesado que sobre ela pesa.

E porque deve subsistir tão estridente desigualdade?

E' incontestado, é admitido por todos que os homens, sem distincção alguma, são capazes de identicos direitos. — *Todos são iguais perante a lei* — diz mentirosamente o direito burguez.

Este principio triunfou com efeito na campanha pela abolição da escravatura. A raça negra, tida por inferior á branca sob muitos aspectos, era indignamente conservada escrava. Pois bem! homens ilustres não hesitaram em pedir para ela igualdade de tratamento, e a humanidade deu-lhes razão.

Não falemos da Biblia, que deixou cair sobre a mulher a maldição divina por ser ela a causa do pecado original (*Teus desejos dependerão de teu marido, e ele te dominará*, GENESIS, III 16).

Este argumento tem o mesmo valor que a maldição de Noé sobre seu filho Caim e o filho deste, Canaan (*Maldito seja Canaan: seja servo dos servos de seus irmãos*, GENESIS, IX, 25), que tão invocado foi para justificar a escravidão dos negros pretensos descendentes de Cam.

Quando a Biblia era considerada por todos indiscutivel dogma, aquilo valeria por uma confutação; mas hoje que a critica a demoliu, não seria com certeza um argumento serio.

Portanto, ainda que a mulher fosse inferior ao homem, pertencer-lhe-iam identicos direitos: pelas mesmas razões que motivaram a concessão da liberdade aos escravos negros.

Este argumento, este raciocinio é de uma evidencia tão clara que salta aos olhos de todos.

Mas porque será que a sociedade presente resiste tanto a emancipar a mulher? Porque teme tanto a evolução que a familia sofreria com a igualdade dos dois sexos?

Disto falaremos proximamente.

G. H.

Aos assinantes do Rio

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á rua do Areal, 38, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.

Couces de padre e paciencia de medico...

Como Brasileiro, discipulo do intangivel Hackel, e após haver como funccionario publico dado as satisfações de direito ao meu chefe, respondo agora aos insultos com que o clero procura fugir ás solicitações humanitarias da Prefeitura.

Assim é que o decreto n. 824, de 17 de outubro de 1901, determina no art. 4°: "Os templos de qualquer confissão religiosa, os colegios publicos e particulares, etc., são obrigados a ter escarradeiras com agua simples ou adicionada de substancia antiseptica, e em numero correspondente á respectiva lotação, marcado esse numero pelo chefe do districto sanitario a que pertencer o estabelecimento".

Ora, ninguem contestará o grande beneficio que á profilaxia da tuberculose empresta semelhante medida e dest'arte pensando, e no exacto cumprimento dos meus deveres, iniciei a vigilancia em companhia de um guarda municipal, pela igreja mais proxima da agencia da Tijuca, de que sou (ha menos de um mez) o respectivo Comissario de Higiene. A tal igreja demora á rua Major Avila: é a furna dos redentoristas, a estalagem de uma vara de bandidos que vivem da exploração torpe e cinica á infinita ingenuidade humana.

Ao chegar á minha presença o risonho e anafado pastor daquele pagode, e após uma hora aproximadamente de espera, protestei imediatamente contra a demora com que atendiam a autoridade sanitaria; li em seguida o referido decreto, o padre ouviu-me espantado e mostrou-me o grande anfiteatro, onde a boa-fé dos meus semelhantes, num moicismo abominavel, reza padre-nossos soporificos, eroticas ave-marias, por entre pigarros e cusparadas.

Nem uma escarradeira! e sobre o assoalho desenhavam-se negras como a moral dos conventos, inumeras manchas de escarros!

Perguntei então ao casto vigario quantos individuos poderia comportar aquela nave e atenciosamente lhe mostrava onde colocar escarradeiras, o modo de fazel-o sem ofender a estetica do veneravel "Pagode", quando me responde (tanta demora para tanta estupidez!) que ali naquela nave cabiam, sem roçadinhos nem cotoveladas, mais de 8.000 pessoas!

Ironia, ignorancia, burrice, enfim, — pouco se me dá: o digno agente, a quem comuniquei a infracção, saberá fazer cumprir a lei dentro daquella santa, *delicada* e *higienica* moradia de manipanços e padres sem escrupulos.

No convento, porém da rua Conde de Bonfim, 290, o cinismo tocou o auge, num desrespeito insolente, num deboche desenfreado ás mais altas autoridades do municipio, conforme se verá linhas abaixo, por parte dos flibusteiros da honra alheia, da lei e da Republica!

Sofrivelmente recebeu-me, e ao guarda, o sacristão da capela; determinei o numero de escarradeiras, e estava a despedir-me quando o tal apagador de velas e o papa-envelopes me diz:

— "O doutor quer escarradeiras aqui. E por que não exige ourinóis ali?", apontando-me para um terreno proximo.

A despeito da reclamação galhofeira do tocador de sinos — inspeccionei o tal terreno, e, em verdade, o homem tinha razão. Lá estavam acumuladas fezes humanas e de outros animais.

Procurei o proprietario desse sitio; intimei-o a fechar o terreno e não permitir que os vagabundos o transformassem em sentina publica. Nisto, um curioso me denuncia a existencia de "abbadim" de porcos na chacara do convento, o que é terminantemente proibido pelo decreto numero 1.368, de 18 de dezembro de 1911. Retornei ao convento: negaram-me a entrada, porquanto esta só poderia ser concedida pelo cidadão Cardeal, mesmo ás autoridades sanitarias, com 24 horas de aviso!

Risum teneatis! Prevenir o infractor, e infractor relapso, contumaz, debochado, insolente, de que lá vai o fiscal! Audacia! Cinismo!

Mas, nós, comissarios de higiene, desde a organização sanitaria do incomparavel Oswaldo Cruz, não temos penetrado em casas ricas e pobres, de generais e soldados, de negociantes e operarios, e onde a honra e a virtude cantam mais alto do que nos claustros, sem um protesto e sempre gentilmente recebidos? E agora, quando, no interesse da colectividade, procura uma autoridade verificar a existencia de uma infracção, barram-lhe as portas de um quintal, por onde, certo, entre porcos e hortaliças, passeiam, pudibundas, as esposas de Jesus, pastoreadas por maganos de batina — na doce meditação de que elas e eles estão acima da lei, acima do Prefeito, muito acima do chefe da Nação.

Não recuei; e por duas horas aguardei na sacristia a presença do representante do Cardeal; antes, porem, veiu-me á fala um padre acolitado por dous apendices, Zêurrou, timidamente, ornejou com desembaraço e foi de trote ás favas, para onde em boa hora o soltei sem cabresto, e bem ferrado.

Enfim, minutos após, surgiram á porta dous tipos e ali é que a porca torce o rabo; o primeiro, meio opilado, de barbas côr dos pelos vergonhosos de polaca regateira, senhor de domicilio inviolavel, possuidor de varios "habeas-corpus" amigo e colega do meu Director (que amigo e que colega!), sindico do covento, comprador de tijolos, irrigadores e arrudas para o mesmo; o outro, um padre frescalhão, abrejeirado, tresandando dos sovacos fórmena mais que pantanosa e distilando das faces nadegosas pagos de suor encachaçado, rindo se alvarmente, entre arrotos repolhosamente vinhosos. E ambos — arrogantes e insolentes, mau grado as maneiras delicadas com que eu procurava demonstrar-lhes a odiosidade da excepção.

O tal "padreador", intelectualmente um padréco e adiposamente um marrano, tentou ridicularizar, menosprezar a Prefeitura; falou em peixe podre, frutas verdes, doces descobertos — e principalmente daqueles que os garotos anunciam como "barrigas de freiras" e que ele, se não capado, deve saber como se as enchem. Por fim, o tonsurado mariola, no momento da saida, quando já me aproximava da rua, poz-se de pandulho empinado — e lá da porta da sacristia grunhio cinicamente: "Oh dr., então não se aperta a mão de um cidadão?"

Perfilei-me e dei-lhe como resposta á insolencia do doboche — o mais nacional gesto simbolico daquela fruta cá da terra, que, mesmo sem te-la no bolso, a gente distribue nos momentos de revolta, aos tipos baixos e safados.

Mario Valverde.

Notas simples

Os chamados fanaticos do Contestado teem dado e estão dando que fazer aos nossos governantes.

Gente simples e trabalhadora a quem o governo tinha dado terrenos incultos e de mata virgem que, em pouco tempo, devido ao seu grande esforço, foram transformados em campos produtivos onde tinham criação e abundancia do cereais, constituiram familia, formaram as suas povoações e viviam relativamente felizes, longe da chamada civilização. Não tinham policia para promover conflitos; não havia lá prisões para punir pobres trabalhadores e castigar as vitimas da sociedade; não tinham tribunal e juizes para julgarem a quem quer que fosse. Viviam na melhor harmonia sob o regimen de uma aproveitavel solidariedade.

Mas um dia, os srs. graudos vendo os belos campos povoados e amanhados em prosperidade, resolveram estabelecer um imposto, que foram aumentando consideravelmente. Não contente com isso, foram vendendo aos poucos terrenos que não mais lhe pertenciam, expropriando em curto espaço de tempo os seus verdadeiros e legitimos donos.

Começaram então surgindo pequenas revoltas de parte dos caboclos roubados, que foram formando e engrossando uma só avalanche de decididos e energicos revoltosos contra os usurpadores do trabalho alheio. Batalhões de soldados foram enviados para o local com o fim de sufocar esse nobre, esse digno movimento de rebeldia, mas encontraram altivez e firmeza nos rudes operarios, que souberam e teem sabido fazer frente ao nosso *glorioso exercito*...

Com uma das ultimas expedições, foi o avidor Ricardo Kirk para fazer a mesma coisa que os seus colegas europeus estão fazendo. Sob o ponto de vista patriota, o papel que desempenhou foi muito mais antipatico que o destes, pois que lá brigam com gente de outra nacionalidade e aqui ia ele massacrar os seus proprios patricios. O telegrafo transmitiu-nos, ha pouco, a noticia da sua morte devi-

A. DE ANDRADE SILVA

SUA SANTIDADE

(Comedia bufo-religiosa)

PERSONAGENS

PIO TRUÃO (O PAPA) — um velho risonho, de uma velhice prematura, desenvolto nas maneiras e no dizer, cheio da bondade e carinho oficiais dos Papas; sessenta e seis anos.

CARDEAL TARTUFO (SEU SECRETARIO) — o mais perfeito, o mais acabado tipo do adulador e falsario, sempre a sorrir um riso ridiculo e suspeito; cincoenta e cinco anos.

CARDEAL MACHIAVELLO — o olhar feroz, o olhar selvagem, cheio de odio e de veneno, em contraste com a face calma, face tranquila de bemaventurado; cincoenta anos bem conservados e sem cabelos brancos.

CARDEAL PANTAGRUEL — cincoenta e dois anos, calvo, baixo, rotundo, ventre descomunal, nariz adunco semelhante a um bico de abutre, bochechas avultadas que se distendem e se contraem por efeito do acto continuado, mecanico da mastigação.

CARDEAL SINISTRO — velho de sessenta anos, alto, magro, de uma magreza espectral, falando numa voz cava de moribundo.

CARDEAL LUXURIA — sifilitico, o rosto afogueado, vermelho, por motivo de constantes libações, as narinas dilatadas, a respiração ofegante, o olhar impuro, desonesto, obceno; mais de sessenta anos de idade.

CARDEAL ZOMBARIA — pantafaçudo, a cabeça volumosa adornada de uma farta, espessa cabeleira negra, o labio superior levemente arrebitado num gesto flagrante de ironia e mofa; quarenta e nove anos.

CARDEAL ESCANDALO — realista, analisa os factos em si, os mais extravagantes, sem circumloquios nem reservas, e sente-se-lhe atravez da frase, que ele sabe encarecer nesses momentos, um fino sabor de vergonha e de pecado... Cincoenta e seis anos.

CARDEAL VIPERINO — Cincoenta e tres anos, mau genio, dectrator, pequeno em acções e em tamanho, face macilenta e antipatica.

CARDEAL MADRAÇO — a encarnação da inercia: o olhar morto, a boca sempre aberta num bocejo doente; gorduroso, pesado, enfadonho; cincoenta e quatro anos.

CARDEAL HIPOCRISIA — oculos pretos dissimulando a astucia de dois olhos pequenos inquisidores; sempre a resar, as mãos postas, calado, incomunicavel, metido dentro de si mesmo; cinconta e dois anos.

CARDEAL BANDALHO — cincoenta e oito anos, ridiculo, pronto em proferir um descaramento, lascivo em tudo, imoral em tudo.

CARDEAL CAPRO — sessenta anos, devasso, libertino, a cabeça, como a de um sapo, achatada no alto, orelhas grandes, papada flacida.

ARCEBISPO PATUSCO (DA BAHIA) — sessenta e dois anos, sobrolho carregado, apreensor, autoritario, o andar pausado, indeciso, como receloso de pisar o chão.

JOGRAL (O MORDOMO) — sessenta anos, mudo, a lingua comida por um cancro, em moço; aparvalhado, idiota, a rir um riso inexpressivo e alvar; trinta anos de mordomia no Vaticano.

A scena passa-se em Roma, num salão luxuoso do Vaticano.

EPOCA — ACTUALIDADE

SCENARIO:

No Vaticano. — Confortavel, amplo salão ricamente apainelado; no centro, largas poltronas doiradas, de estofos caros, contornando uma grande mesa pejada de iguarias; jarrões de fina louça da china, sobre princezas de mogno, cheios de verbenas, avencas, orquideas e rosas de aromas estonteantes; pendentes do tecto, pesados lustres de cristal e ouro, de luzes cambiantes, mortiças e como a proteger idilios recatados, a furto...

Toda uma reunião de luxo e de acomodamento.

SCENA UNICA

(A mão enluvada de um criado abre quantioso reposteiro de veludo e seda e entra no salão Sua Santidade com um grande sequito de cardeais. O Papa faz anos. Noite alta.)

PIO TRUÃO (*risonho e amoravel, dirigindo-se ao seu secretario e a lhe mostrar as riquezas do salão.*)

O' Tartufo, anda cá, que me dizes a isto?

CARDEAL TARTUFO (*numa zombaria ridicula.*)

Um ministro de Deus, Santidade, que ao Cristo
já se faz superior, merece muito mais,
alem do grande amor dos seus santos cardeais.

PIO TRUÃO (*radiante.*)

E o que direi de mim, meu Tartufo, que tenho
um secretario assim de tão sublime engenho!

CARDEAL MACHIAVELLO (*baixo ao ouvido do Bandalho.*)

Miseravel feliz!

CARDEAL BANDALHO (*baixo a Machiavello.*)

Mas hemos de vence-lo;
hei de ver um cardeal com cara de camelo.

(O Tartufo, que tem ido beijar os pés do Papa, levanta-se e vai reverente, braços cruzados, por-se a um canto a rezar.)

PIO TRUÃO (*sacudindo os braços e de maneiras desenvoltas.*)

Muito bem, muito bem, mas deixemos este ar
de misterio e de dó — vamos rir e folgar.
Esta noite é pra nós a noite da folgança,
bebamos a valer, engordemos a pança.

(O Papa senta-se numa rica poltrona, mais alta e mais rica que as outras, á cabeceira; sentam-se em torno da mesa os cardeais, e o arcebispo Patusco toma a outra cabeceira.)

CARDEAL LUXURIA (*para Jogral, o mordomo.*)

Vamos, anda, rapaz, abre o Chypre e o Xerez,
que a vontade me está pra sorve-los de vez.

(Todos riem á vontade, inclusive o Papa, que, manifestamente satisfeito, passa a mão sobre o ventre adiposo e dá pulinhos na poltrona.)

CARDEAL HIPOCRISIA (*com ar de reprovação, para Luxuria.*)

Que é isto, meu irmão!

PIO TRUÃO (*autoritario, para o Hipocrisia*)

Não queremos homilia.
Pois, ó lerdo, não vês que estamos em familia?
Somos todos iguais, aqui dentro; a hierarquia
cerimonias impõe, faz morrer a alegria.

(Enchendo a taça.)

Viva Cristo e o Xerez!

TODOS (*enchendo as taças.*)

Viva Cristo e o Xerez!

PIO TRUÃO (*levando a taça aos labios.*)

Vamos ver... vamos ver... uma, duas e trez...

(B. bem todos.)

(*Para o mordomo.*)

Agora tu, Jogral, vai de trinchete em riste,
dá combate á perdiz, vê se te ela resiste,
abre o ventre aos perus, desmorona os presuntos,
e estes frangos boçais *acaricia-os* juntos
em pedaços iguais...

CARDEAL PANTAGRUEL (*esfregando as mãos, as narinas dilatadas por extranho apetite.*)

Sem tardança, Jogral;

(*Rindo com descaro*)

em vendo o que comer, sou mesmo um animal.

CARDEAL LUXURIA

Em vendo o que beber, sou mesmo que um tonel,

PIO TRUÃO (*ás gargalhadas.*)

Podes, pois, te juntar ao grande Pantagruel.

CARDEAL TARTUFO

Os dois juntos, por Deus! dão cabo de um almoço
que se faça pra dez...

PIO TRUÃO (*com chiste.*)

Não fica nem um osso.

CARDEAL LUXURIA

Nem uma gota só do *sangue* que, em barris,
nos manda Portugal e nos manda Paris.

(Jogral, proficientemente, vai trinchando os comestiveis.)

CARDEAL ESCANDALO

Só não temos aqui mulheres...

CARDEAL HIPOCRISIA (*em ar de reprimenda.*)

Meu irmão!...

PIO TRUÃO (*para Hipocrisia, levantando-se fulo de raiva.*)

Já te disse, animal!

(Segue).

do a um desastre, — e eu muito me regosigei com esse acidente fatal.

Dizem que ninguem se deve regosijar com a morte de a'guem; tomo, porêm, a liberdade de pensar o contrario. Quando o individuo é perverso, assassino, enfim, prejudicial á humanidade e tem a feliz ideia de esticar as canelas, nesse dia, de macambusio que sou, passo a ser o homem mais alegre desta vida. Se estou na rua, ao chegar a casa trep numa cadeira e faço um discurso quasi como os lo Ruy... Minha mulher, meus filhos, minha sogra e o meu cachorro prestam-me toda a atenção... E eu prosigo imperturbavelmente na minha oração com grandes aplausos da multidão...

Joly.

A propaganda clerical em França

A propaganda clerical vai continuando o seu caminho. Sendo preciso, faz-se branda e cariciosa; ás vezes, toma um caracter muito diverso, mas é sempre insistente.

As mulheres dos mobilizados, na cidade e no campo, sobretudo as pobres, são objecto duma atenção muito particular. Tomam-se em conta as suas necessidades materiais, entram no calculo os seus sentimentos; as suas alegrias e tristezas são exploradas pela bela dama ou pelos padres que se intrcduzem no domicilio, penetram na intimidade do lar, mostram interesse pelas crianças, quando as ha e deixam, ao partir algumas moedas de prata e uma fartura de papelada pia, imagens santas e livros de missa.

As desgraçadas mulheres não resistem áquilo. Presas de antemão designadas caem nas redes que lhes são estendidas. Por vezes, como os elefantes domesticados pelos caçadores, fazem-se auxiliares dos recrutadores clericais, resistindo as vizinhanças dificilmente ás suas palavras insidiosas, ditadas pelos mesmos que delas se servem — e de que maneira!

Abundam os factos, são faceis as provas, que ninguem, de boa fé, pode desmentir. Os clericais, aliás, nem sequer pensam nisso: antes se gabariam daquilo, e os seus jornais não se esquecem de exaltar a acção dos seus «missionarios» de todas as qualidades.

Os processos, porêm, são grosseiros; nesse dominio, não tem a Igreja o espirito inventivo; mas são em todo caso adequados ao fim visado, e em relação com a mentalidade das que eles tratam de «empalmar». Proudhon disse que a mulher é um ser de cabelos compridos e de ideias curtas, o que é verdadeiro quanto as que a gente de Deus tem em vista. Com essas, não é preciso fazer grandes gastos de imaginação: dão sempre resultado as mesmas habilidades, incessantemente renovadas.

Enquanto o marido, o companheiro, não sendo embora adepto da Igreja, anda aos tiros ás tropas amadas pelo velho deus alemão, instalam-se eles em casa dele, fazem-lhe da casa um anexo do curato, do lar uma sucursal do presbiterio. E os negocios, é claro, correm ás mil maravilhas, esforçando-se todos, naturalmente, por afreguesar bem a loja sacra.

E junto dos mobilizados?

O ultimo facto chegado ao nosso conhecimento mostra como as pessoas empregadas na religião parecem pouco resolvidas a deixar os outros em paz, a conformar-se com a tregua de que tanto nos falam sem a observar por um momento sequer, a praticar a «união sagrada». No Grand-Palais, estão neste momento instalados os marinheiros — fuzileiros, artilheiros, etc. — que de um instante para outro esperam ser enviados para a primeira linha. Em volta deles, borboleteiam damas de ricos enfeites, cujo intuito se adivinha. Não vão lá fazer a cama aos marujos, remendar-lhes a roupa ou cozinhar-lhes o rancho. Fora com essas coisas grosseiras! Elas não se dignam cuidar das necessidades materiais. E no entanto, haverá coisa mais util, essencial, para homens que vão partir para a linha de fogo, para soldados que vão bater-se e que talvez dentro de poucos dias contem mortos entre eles?

É isto justamente o que preocupa aquelas damas. Contra os regulamentos militares, que proibem a qualquer soldado inserir seja o que for na sua caderneta, tratam elas de induzir os militares a colarem em face da primeira pagina da caderneta a seguinte «formula para o soldado», devidamente preenchida:

As minhas vontades, em caso de doença, ferimento ou acidente. Eu, abaixo assinado......, nº matricula... soldado no..... (regimento)..........., declaro pertencer á religião catolica. Em conformidade com a lei de 9 de Dezembro de 1905 e com as circulares de 15 de Novembro de 1905 e 24 de Janeiro de 1906, com a decisão ministerial de 16 de Dezembro de 1906, reclamo para junto de mim o padre catolico, no caso de eu estar ferido ou doente, no hospital ou alhures. Se eu morrer, quero as orações da Igreja catolica. Tal é a minha vontade formal, em pleno goso das minhas faculdades; peço seja executada. (Assinatura e data). Em caso de falecimento, prevenir o sr.....

Não é tudo. Com estas folhas, distribuem as tais senhoras, não um cristo de pau, mas de aluminio. Avalie-se a despesa pelo preço a que está esse metal! Ora, melhor andariam os que caem com o cobre, se incumbissem as excelentissimas senhoras suas amigas de entregar aos soldados por elas importunados pares de peúgas para os preservar do frio nos pés ou paus de alcaçuz para tratar os seus defiuxos.

Se os nossos amigos se lembrassem de ir ao Grande-Palais distribuir jornais avançados, não lhes dariam por certo a mesma liberdade que dão ás damas dos deuses de aluminio.

Paris, 25 de janeiro de 1915.

Luis GRANDIDIER.

Com a modificação feita no cabeçalho da Lanterna, *saiu errado o numero da passada quinzena, que é 275 e não 295, como saiu.*

Aos nossos assinantes

Da Mogiana

comunicamos que, dentro de poucos dias, serão visitados pelo nosso companheiro viajante.

Serão percorridas em primeiro lugar as localidades seguintes da linha Mogiana, depois de ter estado em Campinas e Arraial dos Souzas:

Amparo, Serra Negra, Socorro, Mogi-Mirim, Itapira, Espirito Santo do Pinhal, S. João da Boa Vista, Poços de Caldas, Casa Branca, etc.

Igual participação fazemos aos nossos amigos residentes nas localidades servidas pelas linhas

Central, Sul-Mineira e Minas

que serão percorridas pelo nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha.

Que os nossos amigos e assinantes das zonas citadas facilitem o trabalho penoso dos nossos companheiros, contribuindo prontamente com a importancia de suas assinaturas — é o apelo que a todos dirigimos.

DE JAHU'

Remoção de um padre querido das moças

Como nenhum amigo da *Lanterna* manda-lhe, de vez em quando algumas notas do que se passa por estas plagas, resolvi escrever esta pequena correspondencia para dizer-lhes que novamente temos como vigario da paroquia o conego Bento Monteiro, que fora substituir o padre Canto, isto é, santo padre Canto.

Não se admirem os amigos de eu chamar este padre de santo; não sou eu que lhe dou ta! qualificativo, são as suas ovelhas.

Não imaginam os leitores que barulheira infernal houve aqui quando se soube da remoção do padre Canto.

Houve correrias, informações daqui, dacolá, enfim, era a desgraça das almas do povo. Pudera. Um padre tão bom, tão religioso! Será melhor fechar-se a igreja! Era isto que diziam os carolas, que queriam brigar com o bispo.

Já ha tempos o bispo quiz tiral-o daqui, mas as boas catolicas revoltaram-se, reuniram-se e foram á S. Carlos. Invadiram o palacio episcopal e assaltaram o sr. Homem de Melo de perguntas.

Isso não é possivel! diziam elas. Não consentimos em tal remoção. Um padre bom, que nos dá o conforto ás almas! Isso é uma perseguição torpe! O bispo, aturdido com tantas imposições, por fim, cedeu. Jurou que deixaria o padre aqui.

Os catolicos exultaram de alegria. Vivia o padre Canto socegado, dizendo as suas missinhas para aliviar os pecados do povo, quando deu-lhe a urucubaca em cima! Chegara, inesperadamente, ordem para seguir imediatamente para Taguaritinga.

O padre Canto, na flor da mocidade, com sua figura elegante, olhar magnetizador, chorava diante do povo. Estava tão acostumado com este bom rebanho, que era com as lagrimas nos olhos que ele se despedia de todos. Não era possivel resistir á despedida tocante que lhes fazia o padre.

Palavras doces que jorravam de seus labios purpurinos faziam com que os fieis chorassem.

E foi assim que saiu o padre Canto de Jahú.

Para substitui-lo foi nomeado um padre portuguez do colegio Diocesano.

O pessoal danou; não queria portuguez para a paroquia.

Diziam que se por acaso o bispo mandasse algum galego, fechariam a Igreja! Já vêm os leitores como são eles!

Em materia de religião, os padres não teem nacionalidade, mas em certos casos...

Pois o padre Bento veiu para cá, devido á amigos politicos! Nós, anticlericais, devemos estar alegres com esta mudança. Não se admirem, porque na proxima correspondencia direi porque.

Jahú, 28-2-915.

J. Gonçalves.

BILHETES E RECADOS

Rio — N. de A.: E' assim que é preciso proceder com a corja negra: enfrenta-la em todas as ocasiões e em qualquer lugar. O material para as duchas seguiu pela volta do Correio. Saudações aos companheiros.

S. José — M. D. P.: Remetemos-lhe o exemplar pedido do *Papa Negro*.

S. Joaquim — M. D. R.: Foi-lhe mandado o folheto encomendado.

Capim Branco — C. G.: Mandamos-lhe a «El ctra».

Araçariguama — A. B. R.: O folheto foi logo mandado. Remeterá os selos quando tiver ocasião. E' preciso não poupar o satanaz de batina. Saude e livre-pensamento!

Rio — R. de Q. C.: Foi satisfeito o seu pedido de livro e folhetos.

Jahú — P. A. P.: Seguiram os livros, o recibo de um ano de asinatura e a coleção de 4 anos do premio que lhe coube. Substituimos o «Papa Negro» pela «Velhice doa Padre Eterno», que custa o mesmo preço. A demora, que tambem a nós aborreceu, não dependeu da nossa vontade. Saude!

S. Pedro de Suassuhy — A. P.: Remetemos a sua encomenda de livros e folhetos. O jornal tem seguido sempre com regularidade. Fizemos nova remessa dos ns. perdidos.

Machado — M. L. J.: Acusamos o recebimento dos recibos e dos 10$. Gratos lhe somos pelos esforços empregados. Saudações.

Belem — J. D.: As «esponholadas» não são mais duras de roer do que a tonsura da boa gente... Saudações aos companheiros daí.

Capivary — Prof. Q. S.: Não houve interrupção na remessa. Entretanto, remetemos-lhe os ns. estraviados. Fará o obsequio de nos remeter logo que possa. Saudações.

Baurú — J. J.: Foram registrados os 10$ que remeteste ha tempos. A proposito do caso de que trata o artigo do *T.*, ocupou-se Joly nas *Notas Simples*. Saude!

Ponta Grossa — A. Paulista: Comunicamos ao companheiro que recebemos a ordem da casa da rua S. Bento. Muito lhe agradecemos o oferecimento. Saude!

Belo Horizonte — M. B. e A. C.: Conforme já comunicamos ha tempos, recebemos o resultado da cobrança e o recibo devolvido. Riscámos o nome do tal que julga viver o jornal de boas intenções. Terão ocasião de conversar aí com o Abranches. Saude aos companheiros.

Rio Negro — R. C.: Recebemos a importancia de sua assinatura e remetemos-lhe o recibo. Gratos.

Florianopolis — A. R. dos P.: Agradecemos-lhe a remessa da importancia de tua assinatura anual. Remetemos-lhe o recibo.

Sorocaba — J. M.: Remetemos-lhe o num. pedido.

Grão Mogol — C. P.: Seguiu o folheto. Gratos pelas frases calorosas endereçadas ao nosso jornal. Saude!

Porto Alegre — C. Vilar: Seguiram para o endereço da *Epoca* os cinco pacotes com a coleção dos cinco anos da *Lanterna*. Escrever-te-ei na proxima semana. Saude!

A Estrada da Morte novamente em cheque

Os trabalhadores, com nove meses de salarios a receber e criminosamente roubados nos armazens da Estrada, declaram-se em greve, mas são submetidos pel s janizarros dos ladrões

Sobre o movimento realizado pelos trabalhadores da famigerada Noroeste, de que os diarios disseram as suas costumadas infamias, recebemos de Tres Lagoas, localidade situada na mesma Estrada, a carta seguinte subscrita por — *Um grevista*:

«Enquanto o celeberrimo Machado de Melo se deleita nos salões da putrida aristocracia da Capital Federal e nos clubs de alto bordo, iludindo os incautos com o seu palavreado mais proprio de charlatão que de gente seria enaltecendo a obra gigantesca da *Estrada da Morte*, qualificativo este que será transmitido de geração em geração ao povo deste pair, explorado em toda a sua actividade, espoliado em todos os seus haneres, velipendiado em sua dignidade por uma quadrilha de governantes salteadores sem brio e sem o minimo sentimento de humanidade que, por intermedio de seus asseclas, se entregam á exploração do misero salario dos trabalhadores, detendo-lhes os ordenados 8 e 9 mezes para ganhar juros elevados.

E não bastando ainda essa exploração torpe, estabelecem armazens para roubar 200 % sobre as mercadorias vendidas aos infelizes trabalhadores, que se vêm na imperiosa necessidade de neles comprar para não morrerem de todo á fome.

Um grupo de operarios, pais de familia, desesperados pela situação dolorosa em que a canalha graúda proprietaria da E. F. Noroeste os tinha arrastado por estas regiões mortiferas de maleita e de amarelão, sem recurso algum, a não ser a resignação de morrer, levaram a cabo um movimento de greve como um protesto contra a exploração ignominiosa em que vinham e continuam sendo vitimas.

Eis os factos como se passaram: No dia 16 para o manhecer do dia 17 do mez p. p., oito ou nove operarios resolveram apelar para a solidariedade dos companheiros afim de oferecerem uma queixa á directoria da Estrada com o intuito de obterem os seus vencimentos atrasados.

De acordo com o guarda e os limpadores que tinham sido escalados para aquela noite e mais pessoas que trabalham na oficina, subiram para uma locomotiva e foram em demanda da solidariedade do pessoal da linha para se unirem á sua santa causa.

Logo depois da partida, o bandido do guarda noite, arrependendo-se do que fizera e temendo ser despedido, levou tudo ao conhecimento do mestre da oficina, acrescentando uma montueira de mentiras como sejam a de terem os operarios assaltado o deposito das locomotivas com intuitos agressivos. Esse miseravel tipo recorreu a esse alibi para evitar ser abalada a confiança que lhe era depositada, tornando-se assim um caluniador e traidor duma causa santa e nobre que visava defender tambem o seu interesse.

Chegando ao conhecimento do sr. Espeh o occorrido com a falsa gravidade que lhe emprestara o guarda, foram tomadas medidas excepcionais das quais poderiam resultar lamentaveis consequencias.

Ao regressar a locomotiva com o pessoal, uma bandeirinha encarnada se achava posta proximo á entrada dando sinal de perigo. A força de armas embaladas cercou o pessoal e prendeu a todos. No dia imediato, em uma reunião, os comerciantes deliberaram ir em comissão pedir ao tenente Betim a liberdade dos trabalhadores. Esse oficial só depois de muito empenho é que deliberou soltar 33 operarios conservando 5 na prisão apontados como cabeças do movimento.

No dia 19, porêm, o pessoal de Itapura e Jupiá, resolveu abandonar o trabalho e fazer causa comum com os seus companheiros afim de apressar o pagamento.

Os crumiros, que nunca faltam em todos os movimentos de revindicação proletaria, correram a avisar o dr. Guimarães e este pediu a proteção do tenente Betim que, mobilizando os defensores... do roubo, estabeleceu de novo o trabalho com a violencia habitual do militarismo prussiano.

Neste ponto nos acode uma interrogação a fazer aos leitores: — Dizem que os janizaros fardados são os que nos salvaguardam das agressões e violencias; e quando eles nos agridem e praticam contra nós todas as brutalidades, quem é que nos defende? Convidamos o sr. secretario da Justiça a nos responder...

E terminou tudo como sempre onde o operariado vive em desorganização completa, abandonando a sua causa á mercê do destino, confiando no deus dos fortes e poderosos que as religiões instituiram para alimentar a ignorancia do povo refratario á necessidade de se emancipar. Continuará por muito tempo essa dança macabra de trabalhar como bestas em proveito dos vadios parlamentaristas e governantes?

A greve terminou com as ameaças e constrangimentos dos bacamartes manejados pelos defensores da patria... dos ladrões e os cabeças a quem se deve o pagamento de 3 mezes, foram despedidos, escarnecidos, insultados pela canalha inconsciente e egoista que continua a enriquecer os senhores da governança!

Tres Lagoas, 27 — 2 — 915.»

FOLHETIM DA LANTERNA (51)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para "A Lanterna"

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XXI

Um "auto sacramental"

— Farás bem se para o convento voltares e lá te conservares alguns meses, disse ele.

Frei Paco considerou o seu interlocutor com olhares pasmados.

— Teu amigo Crotella poderia falar...

Espero que não lhe tenhas dito o teu nome?

— Ah! com certeza.

— Ainda bem. Pois então, vai retomar a regra de S. Francisco que me parece teres olvidado um pouco. Tu has-de saber, aliás, aliviá-la.. Mais tarde, hemos de nos tornar a ver.

E Santafierno estendeu um ducado ao frade, que se apossou dele avidamente.

Paco, contemplando o pichel vazio, ia levantar-se para se ir embora, quando lhe acudiu uma lembrança.

— A proposito, murmurou ele, já me ia esquecendo... Eu paguei adiantado ao Crotella, para aquilo que V. S. sabe, metade da quantia combinada... O resto...

Santafierno despediu familiarmente ao digno intermediario um pontapé no traseiro.

— O resto aqui está, disse êle, Podes ir leva-lo da minha parte ao Crotella.

Paco não insistiu, achando decerto que faltar á palavra a um salteador não é pecado, se isso se pode fazer sem perigo. Cumprimentou gravemente, estendeu a destra num trejeito de benção e transpoz o limiar.

No dia seguinte, Santafierno partiu para o seu castelo. Parou em Villasequilla, onde ouviu missa mui devotamente, queimou um sirio em honra de Nossa Senhora do Carmo e aceitou do cura Nocedal o convite para jantar.

— Tinhamos aqui um cristão duvidoso, disse-lhe o padre á sobremesa; mas, graças a Deus, deixou a localidade com a filha. Havia de me custar ter de o denunciar á Santa Inquisição, pois ele tinha um parente clerigo.

Huerta, com efeito, partira tres dias antes com Joana para Valencia.

Ao chegar ao castelo, foi Santafierno recebido por Olivar, que dardejou sobre ele o seu olhar penetrante e severo.

— Antes de sair para uma ausencia de uma semana inteira, bem poderieis ter-me consultado, disse friamente o dominicano. Que tendes, pois, para me ocultar?

E o cavaleiro sentiu o olhar do seu fino interlocutor pousar-lhe na fronte, marcada para sempre com o ferro de Padilha.

— Isto não é nada, meu reverendo, disse ele, para ao mesmo tempo fugir á pergunta feita e responder de antemão á que ele pressentia. Num teatro de Toledo, onde me achava, houve uma rixa, na qual recebi uma facada na testa. Oh! pouca coisa.

— Ah! E que feis fazer a Toledo?

— Pecar contra o nono mandamento de Deus, ai de mim!... Confesso-o humildemente. Que quereis, meu padre? Não pronunciei voto algum.

O dominicano encolheu os ombros e Santafierno, cumprimentando-o, retirou-se para pôr termo a uma conversa embaraçadora. Se ele possuisse o dom de ler os pensamentos, no cerebro de Olivar teria surpreendido o seguinte:

— Sempre devasso, brutal e mentiroso... Tanto melhor! E' assim mesmo o instrumento de que precisamos!

CAPITULO XXII

A apoteose

Um mez após estes ultimos acontecimentos, celebrava-se uma grande cerimonia na catedral de Toledo: a benção do casamento de João de Padilha com Maria Pacheco.

Se isso dependesse apenas dos dois principais interessados, essa união de almas e corpos seria toda estrictamente intima; mas, no seculo XVI como hoje, os noivos casavam-se mais ainda para os outros do que para si mesmos!

Do palacio dos Padilhas á *iglesia mayor*, onde o permitia a largura das ruas, estava o trajecto coalhado de gente ruidosa e entusiasta, porque o moço fidalgo e sua familia eram estimados e as circunstancias romanescas em que alcançaram a mão de D. Maria eram bem proprias para sobreexcitar a ardente imaginação daquela população espanhola.

Precedida por um cortejo de soberbos cavaleiros, de capacete na cabeça e de gibão novo, vinha primeiro, trazida por quatro mulas brancas, a liteira do marquez de Mondejar, toda de seda, oiro e prata, contendo, alem de Maria Pacheco, seu pai e sua futura sogra, D. Maria de Guzmán.

Vinha em seguida, transportada por dois cavalos magnificamente ajaezados, a liteira brasonada dos Padilhas. Continha o moço fidalgo e seu velho pai, ambos em trajes de gala. Seguiram-se os dois irmãos mais jovens do João, montados em dois esplendidos corceis arabes.

Separadas das duas primeiras por um esquadrão montado de escudeiros e de lacaios, com gonfalões de glandes de oiro, nos quais se viam as armas das duas casas, vinham em seguida outras liteiras ocupadas por parentes e aliados: os Vilhenas, os Higares, os Manriques, os Acuñas.

Entre as damas de honor, camareiras, escudeiros e pagens que, formados em duas alas diante do pórtico da catedral, esperavam a chegada dos dois noivos, injusto seria deixar no esquecimento: do lado masculino, o fiel Sossa; do lado feminino, a respeitavel dueña Dolores Labarba y Rasador, resplandecente no seu vestido côr de

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obre de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sôbre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro MAXIMIANO DE MACEDO, RUA SETE DE SETEMBRO, 59, SOBRADO, RIO DE JANEIRO.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

nstituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio	
500 exemplares	60$000
300 » »	42$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhado das respectivas importancias.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricomia.

Um volume de 112 paginas, 1$700.

O Sagrado Coração de Jesus

E' um folheto de indiscutivel interesse para a propaganda anti-clerical. Nele se descrevem com perfeição as alucinações historicas daquela pobre doida que se chamou Maria Alacoque

PREÇOS

Um exemplar	$200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

LIVRES-PENSADORES, LEIAM

"A VIDA"

Publicação mensal anarquista

(aparece no dia ultimo de cada mez)

Redacção e administração:

Rua Uruguayana, 114 — (sob.)

RIO DE JANEIRO

Estudos sociologicos

Questões operarias — Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica do Brasil

Inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da região brasileira

Desenvolvido noticiario do movimento operario internacional

Actualidades — Vulgarizações

Biografias — Bibliografia e critica

Numero avulso....	$200
Assinatura anual (pagam. adiant.)	5$000

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a	1$000
Retratos de José Nakens, cada um a	1$500
Uma duzia de postais anticlericais	1$200

EM PORTUGUEZ

Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me tangere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » « Entre camponeses »	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » « Giórgicas » (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, « O Papa Negro »	2$000
Carlos Dias, " Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, " A velhice do Padre Eterno "	2$000
Pedro Kropótkine, " O comunisco anarquico "	$200
Chacon Siciliani, " Mentiras Divinas " (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag.	$700
» » "O Teatro na Escola"	$400
Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de "A Aurora", para 1913	1$000
Almanaque de "O Livre Pensador"	$800
Marco A. Panerte, "Giordano Bruno»	$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade"	$500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, "A educação religiosa»	$200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Monsenhor Silvestre de Chateaurenard, «O celibato»	1$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500

EM ESPANHOL

Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento"	$300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo)	$300
Pey Ordéix, «El pueblo á la aristocracia"	$300
Ramon Chies, "A una madre"	$300
Potvin, "La democracia y la Iglesia"	$300
Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza"	$300
Por varios autores, "Sonetos Piadosos"	$300

EM FRANCEZ

Jean Grave, "Si j'avais á parler aux electeurs"	$100
André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Ation Ouvriére"	$100
Pedro Kropotkine, "Le Salariat"	$200
E. Malatesta, "Entre paysans"	$300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, "Angelo Longeretti"	1$500
Alceste de Ambris, "L'Argentina e l'Imigrazione Italiana"	$300
Antonio Labriola, "Del Socialismo"	$400
Gaetano Zibordi, " La istoria de Federico "	$400
Un laico, " La politica eclesiastica in Italia "	$300
Giovanni de Nava, " Delinquenza e misticismo "	$200
P. Guarino, " Sole a scacchi "	$400
Luigi Campolonghi, " Azione sindacale "	$300
G. Stiavelli, " Il Primo Maggio nella letteratura "	$400
G. D'Amato, " Ai ragazzi felice "	$200
Paul Adam, "Il figliuol prodigo "	$200
Francesco Pucci, " Il dovere de organizzarci "	$200
F. Nicolini, "Il pane gratuito "	$200
Maximo Gorki, « Interviste "	$600
» » " Il compagno "	$200
Eliseu Reclus, " I podrotti dell'industria "	$200
» » " I prodotti della terra "	$200
Leda Rafanelli, " Alle madre italiane "	$200
Paul Lafarga, " Il diritto all'ozie "	$200
Dott. G. C. C., " Guerra all'alcool "	$200
G. Pozzi, " Favole ed apologhi socialista "	$200
Oreste Ristori, " Polemiche sull'Anarchia "	$300
» » " Operai non bevete! "	$100
Pietro Kropótkine, " L'agricultura »	$200
E. De Amices, " Il socialismo e l'egualianza "	$100
» » " Consigli e moniti "	$100
E. Vondervelde, " Le cittá Piovre "	$300
Costa Andrea, " Un sogno "	$100
» » " Il socialismo "	$100
C. Monticelli, " Il primo giorno del socialismo "	$300
» » " Lo sciopero "	$100
E. Ciacchi, " Ai contadini "	$100
» » " Le nostre leghe "	$100
Dott. Biel, " Il socialismo per tutti "	$100
O. G. Viani, " Abbecedario dell'economia sociale "	$200
G. Renard, " Agli studente "	$100
Leopoldo de Fazio, " Canzone vegetale "	$300
A. Valente, " Conferenze socialiste "	$300
G. Paoloni, " Primo Maggio "	$100
B. Carlantonio, " Le istituzione e la morele "	$100
Feari e Ciccotti, "Contro la marina militare " (discorsi)	$300
» » " Per la ricuzione delle spese militari "	$300
Resoconto del 1º Congresso dei lavoratori della terra	$200
Avv. Emilio Bossi, " Gesù Cristo non è mai esistito "	2$000
Almanacco della Rivoluzione (1909)	1$000

COLEÇÃO SOCIOLOGICA

Jean Grave, "A Sociedade Muribunda e a Anarquia"	1$500
Saverio Merlino, "Formas e essencias do socialismo"	1$500
Sebastião Faure, "A dôr universal"	1$500
Henrique Leone, "O Sindicalismo"	1$500
Carlos Marx, "O capital"	1$500
Hamon, "Psicologia do militar profissional"	1$500
Alfredo Nacquet, "A caminho da união livre"	1$500
Kropotkine, "A conquista do pão"	1$500
» "A Grande Revolução" (2 volumes)	3$000
» "A moral anarquista"	$500
Carlos Malato e Jean Grave, "As teorias anarquistas", seguido de "Declaração de Guerra", peça teatral em 1 acto de Carlos Malato	$800

BIBLIOTECA DEMOCRATICA — Dirigida por Tomaz da Fonseca

I G. Andrec, "Os jesuitas", broc.	$500
I » » » » enc.	1$000
II S. Morin, "A Confissão", broc.	$500
II » » » » enc.	1$000

Antão de Melo, "A imbecilidade e a degenerescencia nas familias reais"	1$500
Campos Monteiro, "Paixão de Ferrer" (recitativo em verso)	1$000
Cardoso Fonseca, "Jesuitas! Suas qualidades e doutrina"	1$000
Diversos, "Amor e Liberdade" Revista de estudos sociais — Todos os numeros publicados	1$500